

## Uso de medicamentos para melhora de desempenho acadêmico por estudantes de medicina

Use of medications for academic performance enhancement by medical students

Uso de medicamentos para mejorar el rendimiento académico por estudiantes de medicina

Isadora Pescador Bernardi<sup>1</sup>, Amanda Yasmin Baldissera Vedana<sup>1</sup>, Eduarda Caroline Reche<sup>1</sup>, Isabelli Szymanski Busanello<sup>1</sup>, Mayara Weber<sup>1</sup>, Rafaela Cabeda<sup>2</sup>, Tainara Salete Reche<sup>1</sup>, Thuany Banaszkeski<sup>1</sup>, Gabriel Cabeda Spalding Alves<sup>3</sup>.

### RESUMO

**Objetivo:** Elucidar o uso de medicamentos, como psicoestimulantes, benzodiazepínicos e antidepressivos, entre estudantes de medicina, analisando suas motivações, riscos e impactos na saúde física e mental. **Revisão bibliográfica:** A formação em medicina é marcada por uma rotina exaustiva, elevada competitividade e constante busca por excelência acadêmica, fatores que frequentemente levam os estudantes ao uso de medicamentos para melhorar o desempenho cognitivo, combater a insônia e lidar com sintomas de depressão e ansiedade. Substâncias como metilfenidato, anfetaminas e outros fármacos são frequentemente utilizadas de forma inadequada e sem orientação médica, o que aumenta significativamente os riscos de dependência química, efeitos colaterais graves e prejuízos à saúde mental. Entre os efeitos adversos mais comuns destacam-se insônia, cefaleia, irritabilidade, alterações cardiovasculares e dependência química. Em muitos casos, esses efeitos levam ao uso continuado ou à experimentação de outras substâncias, agravando os problemas de saúde e desempenho acadêmico. **Considerações finais:** O uso indiscriminado de medicamentos por estudantes de medicina destaca uma preocupação alarmante com a saúde física e mental desse grupo, refletindo as intensas pressões acadêmicas e sociais às quais estão submetidos.

**Palavras-chave:** Estudantes, Medicamentos, Metilfenidato.

### ABSTRACT

**Objective:** To elucidate the use of medications, such as psychostimulants, benzodiazepines, and antidepressants, among medical students, analyzing their motivations, risks, and impacts on physical and mental health. **Literature review:** Medical education is characterized by an exhaustive routine, high competitiveness, and a constant pursuit of academic excellence, factors that often lead students to use medications to enhance cognitive performance, combat insomnia, and cope with symptoms of depression and

<sup>1</sup> Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai (URI), Erechim – RS.

<sup>2</sup> ATITUS Educação, Passo Fundo – RS.

<sup>3</sup> Hospital Divina Providência, Porto Alegre - RS.

anxiety. Substances such as methylphenidate, amphetamines, and other drugs are frequently used inappropriately and without medical supervision, significantly increasing the risks of chemical dependency, severe side effects, and mental health impairments. Common adverse effects include insomnia, headaches, irritability, cardiovascular alterations, and chemical dependency. In many cases, these effects lead to continued use or experimentation with other substances, further exacerbating health and academic performance issues. **Final considerations:** The indiscriminate use of medications by medical students highlights an alarming concern about this group's physical and mental health, reflecting the intense academic and social pressures they face.

**Keywords:** Students, Medications, Methylphenidate.

---

## RESUMEN

**Objetivo:** Elucidar el uso de medicamentos, como psicoestimulantes, benzodiazepinas y antidepresivos, entre estudiantes de medicina, analizando sus motivaciones, riesgos e impactos en la salud física y mental.

**Revisión bibliográfica:** La formación médica se caracteriza por una rutina exhaustiva, alta competitividad y una constante búsqueda de excelencia académica, factores que con frecuencia llevan a los estudiantes al uso de medicamentos para mejorar el rendimiento cognitivo, combatir el insomnio y enfrentar síntomas de depresión y ansiedad. Sustancias como el metilfenidato, las anfetaminas y otros fármacos suelen ser utilizadas de forma inadecuada y sin supervisión médica, lo que aumenta significativamente los riesgos de dependencia química, efectos secundarios graves y deterioro de la salud mental. Entre los efectos adversos más comunes se destacan el insomnio, los dolores de cabeza, la irritabilidad, las alteraciones cardiovasculares y la dependencia química. En muchos casos, estos efectos conducen al uso continuado o a la experimentación con otras sustancias, agravando los problemas de salud y el desempeño académico.

**Consideraciones finales:** El uso indiscriminado de medicamentos por parte de estudiantes de medicina pone de manifiesto una preocupante situación en cuanto a la salud física y mental de este grupo, reflejando las intensas presiones académicas y sociales a las que están sometidos.

**Palabras clave:** Estudiantes, Medicamentos, Metilfenidato.

---

## INTRODUÇÃO

A formação em Medicina é amplamente reconhecida por sua elevada carga horária, alto nível de exigência e impacto significativo no bem-estar físico e mental dos estudantes. A busca incessante pela excelência, aliada à pressão por produtividade, frequentemente resulta em altos níveis de estresse, levando ao desgaste físico e emocional. Um estudo realizado no Brasil, que avaliou a associação entre empatia, qualidade de vida e burnout, demonstrou que estudantes de Medicina enfrentam níveis elevados de estresse e exaustão ao longo de toda a formação acadêmica, evidenciando a magnitude dos desafios na educação médica. Esse cenário pode comprometer o desempenho acadêmico, afetando a atenção, a concentração e a capacidade de tomada de decisão, com repercussões diretas na qualidade da relação médico-paciente (PARO HBMS, et al., 2014).

Diante dessas adversidades, muitos estudantes recorrem a estratégias para minimizar os efeitos do estresse e melhorar o desempenho acadêmico. Entre essas práticas, destaca-se o uso de medicamentos psicoestimulantes, como o Metilfenidato, indicado para o tratamento de condições como Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) e narcolepsia. No entanto, o uso dessas substâncias muitas vezes extrapola as indicações médicas e se torna uma estratégia para lidar com a sobrecarga acadêmica e a exaustiva rotina de estudos. Nesse contexto, os psicoestimulantes são frequentemente utilizados sem supervisão médica, sendo percebidos como uma solução rápida para enfrentar a alta demanda acadêmica e a competitividade no ambiente universitário (SOARES K, et al., 2024).

Embora os usuários relatem benefícios como maior concentração e resistência ao cansaço, os riscos associados ao uso indiscriminado dessas substâncias não podem ser ignorados. Entre os efeitos adversos

mais comuns, destacam-se cefaléia, redução do apetite, perda de peso, insônia, dores abdominais e, em crianças, comprometimento do crescimento. Esses dados evidenciam a necessidade de compreender não apenas as razões que levam ao uso dessas substâncias, mas também seus impactos na saúde dos estudantes (ITABORAHY C e ORTEGA F, 2013).

Diante do exposto, este estudo teve como objetivo explorar as motivações, os riscos e as implicações do uso de medicamentos para potencializar o desempenho acadêmico entre estudantes de Medicina. A partir dessa análise, busca-se promover uma discussão ampla sobre os efeitos dessa prática e suas repercussões no bem-estar dos futuros profissionais de saúde.

## REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

### Medicamentos utilizados

Durante a formação em medicina, é notória a intensa rotina de estudos e as exigências impostas aos acadêmicos, devido à amplitude do conhecimento necessário para as avaliações teóricas e práticas. Além disso, a grande responsabilidade associada à carreira médica gera uma pressão constante em busca da excelência. Como consequência, essa busca incessante pela perfeição faz com que os estudantes busquem formas de potencializar o desempenho cognitivo, sendo o uso de psicoestimulantes o principal meio encontrado (MORGAN HL, et al., 2017).

Essa cultura de alta performance intensifica ainda mais a necessidade de alcançar a perfeição, o que frequentemente resulta em prejuízos para a saúde e o bem-estar dos acadêmicos. Em muitas situações, essa realidade leva ao uso de medicamentos como o Metilfenidato e a Lisdexanfetamina, substâncias geralmente indicadas para o tratamento do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Contudo, como a maioria dos usuários não têm prescrição médica para o uso desses medicamentos, surgem preocupações significativas em torno dessa prática (AMARAL NA, et al., 2022).

Um estudo observacional realizado no Brasil revelou que 57% dos acadêmicos que consomem Metilfenidato têm como objetivo aprimorar a concentração e a produtividade nos estudos (MORGAN HL, et al., 2017). Além do Metilfenidato e do Dimesilato de Lisdexanfetamina, é comum o uso de outros medicamentos, como benzodiazepínicos e antidepressivos, entre estudantes de medicina. Embora a prescrição dessas substâncias seja necessária em casos específicos, o uso indevido e abusivo dessas drogas se tornou frequente no ambiente universitário, principalmente na busca por melhor desempenho acadêmico (STONE AM e MERLO LJ, 2011).

A busca pelo uso de benzodiazepínicos está diretamente associada à má qualidade do sono e à insônia, condições prevalentes entre os estudantes de medicina. Pesquisas realizadas em 2016 apontam que cerca de 33% desses alunos sofrem de sintomas de insônia, enquanto 30% relatam uma má qualidade do sono, fatores que afetam significativamente o desempenho acadêmico (ALSAGGAF MA, et al., 2016). Os benzodiazepínicos atuam reduzindo a atividade da neurotransmissão no sistema nervoso central, amplificando a ação do ácido gama-aminobutírico (GABA), o que resulta em efeitos ansiolíticos, relaxantes e anticonvulsivantes, entre outros (GOLAN DE, 2016).

De forma semelhante, o uso de antidepressivos está relacionado às altas taxas de depressão e sintomas depressivos entre estudantes de medicina. Uma revisão sistemática e meta-análise identificou que 27,2% desses alunos apresentam tais sintomas (ROTENSTEIN LS, et al., 2017). O abuso desses medicamentos geralmente ocorre com o aumento da dose sem prescrição médica, com o intuito de potencializar os efeitos, como a melhoria do humor e a redução da ansiedade (RIBEIRO AG, et al., 2013).

Assim como os benzodiazepínicos, os antidepressivos têm um papel crucial na regulação do bem-estar emocional, atuando nos neurotransmissores cerebrais. O mecanismo de ação desses medicamentos envolve principalmente a serotonina (5-HT), noradrenalina (NA) e, em menor grau, a dopamina, promovendo uma melhora geral no humor e no estado psicológico (GOLAN DE, 2016).

## Riscos e efeitos adversos

Os medicamentos psicoestimulantes, como o Metilfenidato e as Anfetaminas, regularmente prescritos para o tratamento do TDAH, são reconhecidos por apresentarem um elevado risco de adicção. O potencial aditivo desses psicofármacos está amplamente associado ao seu mecanismo de ação, que eleva os níveis de dopamina na via mesolímbica dopaminérgica e intensifica o acúmulo desse neurotransmissor no núcleo accumbens, estruturas responsáveis pelas sensações de prazer, desejo, vício e recompensa, promovendo uma sensação de euforia duradoura que incentiva a continuidade do uso (MORAIS MM, et al., 2024). Do mesmo modo, com a utilização crônica de anfetaminas e seus derivados, a abundância de dopamina no núcleo accumbens pode desencadear alterações no sistema dopaminérgico, reduzindo a eficácia dos estímulos necessários para a transmissão da dopamina. Esse fenômeno pode explicar os sentimentos negativos frequentemente associados à abstinência dessas substâncias (QUEIROZ DRPA. et al., 2024).

A propensão à dependência de fármacos estimulantes cerebrais também está intimamente relacionada a fatores psicossociais. Nesse contexto, a pressão social exercida sobre estudantes para atingir um desempenho acadêmico exemplar, intensificada por rotinas competitivas e exaustivas, leva ao uso de medicamentos psicoestimulantes como uma maneira para melhorar a capacidade cognitiva e o rendimento intelectual (OLIVEIRA DMCT e GUIMARÃES NAC, 2024). Ademais, substâncias como o Metilfenidato e as Anfetaminas são frequentemente utilizadas para o aumento do estado de vigília e a diminuição do cansaço, a fim de substituir o tempo de repouso por horas adicionais de estudo, com o objetivo de melhorar o aproveitamento educacional. (BILITARDO IDO, et al., 2017). Essa prática cria um ciclo vicioso, no qual as metas alcançadas pelo uso dos medicamentos reforçam a percepção de que o sucesso depende de seu consumo. Assim, os benefícios percebidos a curto prazo acabam se sobrepondo às consequências negativas do uso crônico, favorecendo a dependência (BARROS e ORTEGA, 2011).

A saúde mental dos usuários desses medicamentos pode ser afetada drasticamente, por conta do uso indevido e sem prescrição médica, do abuso e da dependência gerada por essas substâncias. Os principais efeitos colaterais relacionados ao comprometimento da saúde psíquica dos utilizadores de Metilfenidato são a redução do apetite, cefaléia e insônia. Nesse contexto, por conta da insônia, muitos indivíduos acabam tendo uma piora na qualidade do sono e recorrem ao uso de medicamentos indutores do sono, o que pode causar, além do vício em Metilfenidato, a dependência dos fármacos para dormir. (SANTANA LC, et al., 2020). Além disso, outras reações adversas significativas da Ritalina incluem a hiperatividade, o aumento da ansiedade e da irritabilidade, além da possibilidade de uso abusivo da substância. Ademais, outro psicoestimulante muito utilizado pelos estudantes e que aparenta ausência de perigo, é a cafeína (NASÁRIO BR e MATOS MPP 2020).

Além dos efeitos psicológicos, o Metilfenidato e as Anfetaminas também podem causar modificações na saúde física dos usuários. As reações adversas mais registradas em pacientes em uso dessas substâncias são cefaleia, insônia, perda de apetite com consequente perda de peso, arritmias cardíacas, dores abdominais, náusea, xerostomia e aumento da pressão arterial. (AFFONSO RDAS, et al., 2016.). Efeitos colaterais mais raros são a exacerbação de doenças como glaucoma, hipertireoidismo, bruxismo, energia excessiva, formigamento e crises convulsivas. Em casos de uso crônico da substância, podem ocorrer delírios semelhantes à esquizofrenia paranoica (SADOCK BJ, et al., 2015). Por essas razões, é fundamental que o uso desse tipo de medicamento seja sob prescrição e com acompanhamento médico para o monitoramento e tratamento dos possíveis danos ao organismo do paciente (MAGALHÃES CEM, et al., 2024.)

## Efeitos adversos de longo prazo e falta de evidências sobre segurança

Para além das reações adversas a curto prazo, é de extrema relevância destacar os efeitos colaterais de longo prazo. Nesse sentido, sabe-se que o uso desses estimulantes cognitivos por períodos prolongados é prejudicial à saúde psíquica e física dos usuários, pois gera dependência e necessidade crescente de mais usos. Afinal, os estudantes que usam tais medicamentos e encontram o êxito, a melhora nas atividades acadêmicas e na concentração, sentem uma necessidade cada vez maior de uso e podem, até mesmo, evoluir para o consumo de outras drogas. Destaca-se, ainda, que o uso prolongado do Metilfenidato pode acarretar riscos cardiovasculares e possivelmente levar à redução da estatura (NASÁRIO BR e MATOS MPP, 2020).

O Metilfenidato, como já exposto anteriormente, em seu uso sem prescrição médica e para fins de estimulação e melhora no desempenho acadêmico tem crescido de maneira preocupante e gera efeitos adversos indesejáveis e prejudiciais à saúde. Seu uso de maneira não terapêutica é um problema de saúde pública. Esse consumo indiscriminado pode ser explicado pela pressão e cobrança excessiva exercida sobre os estudantes de medicina, além do ritmo de estudo exaustivo (SORGI RM, et al, 2022).

Portanto, é de extrema importância que esses acadêmicos recebam atenção e apoio de seus familiares e de suas instituições acadêmicas, visando a acabar com as dependências e necessidades de uso de neuroestimulantes, para que recuperem sua segurança e sua saúde. É necessário que eles recebam informações sobre os riscos dos psicoestimulantes sem prescrição, além de auxílio psicológico e busquem atividades que melhorem sua concentração e capacidade cognitiva sem o uso de medicamentos, tais quais atividades físicas, organização nos estudos e higiene do sono (AMARAL NA, et al, 2022).

### **Aspectos Éticos e Legais**

O uso de metilfenidato por estudantes de medicina para fins não médicos reflete a busca por vantagens competitivas em ambientes acadêmicos marcados por alta pressão. Nessa tentativa, os estudantes frequentemente optam por benefícios ilusórios e temporários, negligenciando os riscos associados ao consumo não supervisionado. Essa prática evidencia o desrespeito às práticas éticas na medicina e reforça o ciclo de competição acadêmica, uma vez que soluções imediatas, como o uso de medicamentos, são frequentemente preferidas em detrimento de alternativas mais sustentáveis e éticas. (SOARES KS, et al., 2024)

A comercialização ilegal e a automedicação com metilfenidato destacam a fragilidade das regulamentações e contribuem para a normalização de comportamentos prejudiciais à saúde. O consumo sem acompanhamento profissional eleva significativamente os riscos de dependência, efeitos adversos e complicações, como crises de ansiedade e problemas cardiovasculares. O termo “off-label” refere-se ao uso de um medicamento de forma não autorizada para uma indicação aprovada por uma agência reguladora, ou seja, utilizar o medicamento para uma finalidade diferente daquela para a qual foi originalmente desenvolvido. Embora os usuários tenham relatado efeitos adversos, melhorias no desempenho acadêmico não foram observadas de forma consistente. Além disso, o uso de nootrópicos levanta questões éticas importantes, tais como o risco de pressão social para usar essas substâncias em ambientes acadêmicos, levando à normalização do uso de drogas para fins não terapêuticos. Esse comportamento pode gerar iniquidades porque nem todos os estudantes têm acesso a esses medicamentos ou a cuidados de saúde adequados para utilizá-los com segurança (OLIVEIRA VT, et al., 2024).

Da mesma maneira, essa banalização do uso terapêutico no contexto acadêmico reflete uma sociedade que privilegia soluções rápidas e farmacológicas para lidar com problemas complexos, ignorando a importância de abordagens éticas e integrativas que considerem a saúde física e mental de forma holística. Além disso, a normalização do uso de psicoestimulantes para lidar com demandas acadêmicas intensas reforça a ideia de que a alta performance é mais importante do que o bem-estar dos estudantes, perpetuando uma cultura que valoriza o desempenho acima da saúde e do equilíbrio mental (SOARES KS, et al., 2024)

A indústria farmacêutica desempenha um papel central na disseminação de medicamentos cognitivos, especialmente as chamadas “smart drugs” e nootrópicos, substâncias naturais ou sintéticas usadas para melhorar as funções cognitivas. Por meio da internet, principal canal de difusão, a indústria reforça a narrativa de que tais substâncias podem melhorar a memória, concentração e desempenho acadêmico, respondendo às demandas de uma sociedade cada vez mais competitiva. Essa estratégia de marketing contribui para a “farmacologização” da vida, ao transformar desafios pessoais em problemas médicos com soluções farmacológicas, criando um mercado global altamente lucrativo. O papel da indústria farmacêutica nesse cenário vai além da produção de medicamentos, influenciando práticas sociais, percepções culturais e políticas de saúde de forma ampla e complexa (CASTRO B e BRANDÃO ER, 2020)

O uso de medicamentos como o Metilfenidato para melhorar o desempenho acadêmico é cada vez mais comum entre estudantes de medicina, motivado pela pressão por alto desempenho, carga intensa de estudos



e competitividade. Muitos recorrem a essas substâncias sem prescrição médica, enfrentando riscos como dependência, insônia, ansiedade e alterações cardiovasculares. A prática levanta questões éticas e legais, além de impactos na saúde mental e física. Estratégias educativas, apoio psicológico e medidas preventivas são apontados como essenciais para enfrentar o problema (TOLENTINO JE e NETTO JP, 2019).

O uso de nootrópicos expandiu-se para além da sua prescrição, levando a um aumento significativo no uso off-label, especialmente entre estudantes universitários. A regulamentação e a legislação referentes ao uso de medicamentos sem prescrição são essenciais para garantir a segurança da população e a integridade da saúde pública. No Brasil, a Resolução RDC nº 44/2009 da Agência Nacional de Vigilância Sanitária estabelece normas rigorosas sobre a dispensação de medicamentos, especialmente no que tange aos produtos de venda controlada e os que exigem prescrição médica. A legislação visa prevenir o uso indiscriminado de substâncias que possam apresentar riscos à saúde, como é o caso dos medicamentos psicoativos e de substâncias utilizadas para potencializar o desempenho cognitivo, especialmente entre estudantes de áreas exigentes como medicina (ANVISA, 2009).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso de psicoestimulantes, como Metilfenidato, anfetaminas e antidepressivos, tem aumentado entre estudantes de Medicina devido à intensa carga horária, alta competitividade e pressão por desempenho. Muitos recorrem a essas substâncias para melhorar a concentração e combater o cansaço, sem considerar os riscos à saúde física e mental, como dependência, ansiedade, insônia e complicações cardiovasculares. Além dos impactos fisiológicos, o uso indiscriminado desses fármacos levanta questões éticas e culturais. A normalização do aprimoramento cognitivo artificial pode distorcer a percepção de desempenho e aumentar desigualdades acadêmicas. Ademais, médicos expostos precocemente a essas substâncias podem desenvolver maior tolerância a intervenções farmacológicas inadequadas, afetando sua prática profissional futura. Apesar de sua crescente utilização, ainda há lacunas sobre os efeitos de longo prazo no funcionamento neurocognitivo e na qualidade de vida dos estudantes. Diante desse cenário, futuras pesquisas são necessárias para avaliar estratégias educativas e preventivas que promovam a saúde e o bem-estar dos acadêmicos, reduzindo a dependência de soluções farmacológicas.

## REFERÊNCIAS

1. AFFONSO RDAS, et al. O uso indiscriminado do cloridrato de metilfenidato como estimulante por estudantes da área da saúde da Faculdade Anhanguera de Brasília (FAB). *Infarma - Ciências Farmacêuticas*, 2016 ;28(3):166–172.
2. ALSAGGAF MA, et al. Sleep quantity, quality, and insomnia symptoms of medical students during clinical years. Relationship with stress and academic performance. *Saudi Medical Journal*, 2016;37(2):173–182.
3. AMARAL NA, et al. Precisamos falar sobre uso de metilfenidato por estudantes de medicina - revisão da literatura. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 2022;46(2).
4. ANVISA. Resolução RDC nº 44, de 25 de setembro de 2009. Dispõe sobre a regulamentação das boas práticas farmacêuticas. *Diário Oficial da União*, Brasília, 2009.
5. BARROS D, ORTEGA F. Metilfenidato e aprimoramento cognitivo farmacológico: representações sociais de universitários. *Saúde e Sociedade*, 2011;20(2):350–362.
6. BILITARDO IDO, et al. Análise do uso de metilfenidato por vestibulandos e graduandos de medicina em uma cidade do estado de São Paulo. *Revista Debates em Psiquiatria*, 2017;7(6):6–13
7. CASTRO B, BRANDÃO ER. Aprimoramento cognitivo e uso de substâncias: um estudo em torno da divulgação midiática brasileira sobre “smart drugs” e nootrópicos. *Teoria e Cultura*, 2020;15(2):60–73.
8. ITABORAHY C, ORTEGA F. *Ciencia & saude coletiva*, 2013; 18(3):803–816.
9. OLIVEIRA DMCT, GUIMARÃES NAC. Uso indiscriminado de medicamentos psicoestimulantes em estudantes. *Brazilian Journal of Health Review*, 2024;7(1):1440–1459.

10. QUEIROZ DRPA, et al. O uso indiscriminado de psicoestimulantes pelos estudantes universitários. In: SAÚDE MENTAL: Desafios da Prevenção, Diagnóstico, Tratamento e Cuidado na Sociedade Moderna, 2024;67–73.
11. GOLAN DE. Principles of pharmacology: The pathophysiologic basis of drug therapy. 4th ed. Baltimore, MD, USA: Wolters Kluwer Health, 2016.
12. MAGALHÃES CEM, et al. O uso de psicoestimulantes na prática clínica: uma revisão integrativa. Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences, 2024;6(12):1638–1650.
13. MORAIS MM, et al. Desafios e riscos do uso indiscriminado de psicoestimulantes entre universitários: impactos, métodos e prevenção. Europub Journal of Health Research, 2024;5(2):e5034.
14. MORGAN HL, et al. Consumo de estimulantes cerebrais por estudantes de medicina de uma universidade do extremo sul do Brasil: prevalência, motivação e efeitos percebidos. Revista Brasileira de Educação Médica, 2017;41(1):102–109.
15. NASÁRIO BR, MATOS MPP. Uso não prescrito de metilfenidato e desempenho acadêmico de estudantes de medicina. Psicologia Ciência e Profissão, 2022;42.
16. OLIVEIRA VT, et al. Uso off label de psicoativos por universitários: motivações sociais, acadêmicas e aspectos clínicos. Faculdades de Dracena, 2024.
17. PARO HBMS, et al. Empathy among medical students: is there a relation with quality of life and burnout? PloS one, 2014; 9(4): e94133.
18. RIBEIRO AG, et al. Ciência & Saúde Coletiva, 2014;19(6):1825–1833.
19. ROTENSTEIN LS, et al. Prevalence of depression, depressive symptoms, and suicidal ideation among medical students: A systematic review and meta-analysis. JAMA, 2016;316(21):2214.
20. SANTANA LC, et al. Consumo de estimulantes cerebrais por estudantes em instituições de ensino de Montes Claros/MG. Revista Brasileira de Educação Médica, 2020;44(1).
21. SOARES KS, et al. O uso de metilfenidato sem indicação médica no contexto acadêmico: uma revisão integrativa da literatura. Revista Interdisciplinar, 2024;17(2):1–8.
22. SORGI RM, et al. Abuso de metilfenidato entre os estudantes universitários de Maringá - PR. Brazilian Journal of Health Review, 2022;5(5):21376–21392.
23. STONE AMMERLO LJ. Attitudes of college students toward mental illness stigma and the misuse of psychiatric medications. The Journal of Clinical Psychiatry, 2011;72(2):134–139.
24. TOLENTINO JE, NETTO JP. O uso off label de metilfenidato entre estudantes de medicina para aprimoramento do desempenho acadêmico. Escola Superior de Ciências da Saúde (ESCS), Distrito Federal, Brasil, 2019.